

Blumenau

em

Cadernos

TOMO XXXIV

Outubro de 1993

Nº. 10

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87



389 - VIGARIO DA PAROQUIA DE ITOUPIAVA NORTE
BLUMENAU - SC

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Livraria Blumenauense S/A.

Schrader S/A. Comércio e Representações

Companhia Comercial Schrader

Buschle & Lepper S/A.

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeiraira Odebrecht Ltda.

Móveis Rossmark

Arthur Fouquet

Paul Fritz Kuehnrich

Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.

Cristal Blumenau S/A.

Moellmann Comercial S/A.

Sul Fabril S/A.

Herwig Shimizu Arquitetos e Associados

Auto Mecânica Alfredo Breilkopf S.A.

Maju Indústria Textil Ltda.

HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.

Casa Meyer.

Casa Buerger Ltda.

UNIMED - Blumenau

Casa Flamingo Ltda.

Gráfica 43 S/A Ind. e Com.

Família Atilio Zonta

Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXIV

Outubro de 1993

Nº. 10

SUMÁRIO

Página

Falando de tempos passados — Grete Medeiros	310
Registros de Tombo de Porto Belo (I) — Pe. Antônio Francisco Bohn	315
Subsídios Históricos — Rosa Herkenhoff	316
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	317
Toponímia Barriga-Verde — Theobaldo Costa Jamundá	319
Curiosidades de uma Época — XXVII — S. C. Wahle	321
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	322
O valor do artífice no começo do século — Tradução: Edith Sophia Eimer	325
Genealogia da Família Schmidt ou Schmitt — Pedro Ernesto da Silva	327
A música em São Joaquim — Maria Nercolini	329
Ensino Público e Particular em Blumenau — W. J. Wandall	331
Açaguaçu — Antônio Roberto Nascimento	334
Aconteceu — Setembro de 1993	335
Educação no começo do século — Prof. Richard Hoffmann	338
Figura do Passado — Cláudio Heckert	340

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) CR\$ 1.000,00

Número avulso CR\$ 100,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) CR\$ 2.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-17-11

89015-010 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

Foto: Prédio atual da Prefeitura, construído no governo Renato Vianna (1978/82), que após 11 anos retorna ao poder municipal, usufruindo da obra que construiu, reconduzido pela força do voto dos eleitores blumenauenses.

Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

Falando de tempos passados

Houve um tempo em que a pequena Blumenau não dispunha de ruas calçadas, havia poucos carros, poucos telefones e nenhuma comodidade tecnológica nas residências.

Deixemos, então, nosso olhar penetrar o interior de uma casa de família da classe média. Na cozinha vemos um fogão à lenha, uma mesa de lavar louça com uma grande bacia e um bom pedaço de sabão em barra. Um guarda-louças e um guarda-comida. Este tinha a metade da porta de tela, que servia tanto para a ventilação quanto para a proteção dos alimentos contra os insetos. Atrás do fogão, presos na parede, panos bordados pela dona da casa com todo capricho. Poucas eram as casas que possuíam as paredes da cozinha revestidas de azulejos. O assoalho era de tábuas, muito esfregadas na hora da limpeza. Tudo brilhava pelo esforço das hábeis mãos femininas. E como era agradável o cheirinho da comida feita em fogão à lenha.

Claro, era mais trabalhoso cozinhar neste fogão, mas quem nunca ouviu o gostoso crepitar da lenha e sentiu o aconchegante calor do fogo, principalmente no inverno? Por outro lado, ter empregada doméstica não era difícil. As moças do interior trocavam de bom grado o trabalho da roça pelo da casa de família da cidade.

Os quartos eram amplos, com paredes altas e janelas francesas que se abriam de par em par. O espaço permitia este pequeno luxo. Os banheiros não

passavam de um quarto como outro qualquer, com uma grande banheira de folha de zinco, enchida com água aquecida no fogão.

A mulher, a dona de casa dos anos vinte, era outra mulher. Ela não "trabalhava fora", como se diz hoje. Atualmente, para manter-se uma família, quase sempre a mulher precisa ter um emprego para aumentar a renda do casal. Mas nem por isto a sua predecessora da década de vinte, sendo principalmente mãe de família, não cooperava. Muito pelo contrário, como ajudava!, já que tudo era feito em casa.

Não só cozinhou o trivial do dia-a-dia, como também preparava geléias, compotas, doces, bolos, sem esquecer do célebre pão caseiro. Muitas vezes até o sabão era de fabricação caseira, feito em enormes tachos, em quantidades previstas para vários meses.

Além do trabalho de casa propriamente dito, havia os quintais com suas hortas e suas criações. Todos os anos, em épocas certas, nasciam as ninhadas de pintinhos, e como era bonito ver a "mãe choça" andar rodeada de seus filhotes amarelinhos. No galinheiro, as galinhas forneciam os ovos fresquinhos, e o galo, ao amanhecer, anunciava a chegada de um novo dia.

Todas as casas também eram rodeadas de canteiros floridos, e as mais diversas flores coloriam os jardins. Sempre havia uma troca de mudas com a vizinha. Aliás, a vizinha de cerca era uma pessoa de grande importância.

Nem sempre eram amigas de frequentar as casas umas das outras; eram simplesmente vizinhas que se socorriam mutuamente nas horas de precisão.

Visto o cenário, vivamos agora a faina rotineira de uma dona de casa de então. Começava o dia. A primeira pessoa a chegar era o empregado do armazém para pegar a lista das faltas da cozinha. Um bom bate-papo com a "secretária" sempre aumentava a referida lista... Algumas horas depois, estava sendo entregue a encomenda e o caderno com as compras anotadas. Não era preciso anotar o preço, pois este não mudava! Acredite se quiser... No fim do mês, a **Frau** ia até o armazém para efetuar o pagamento e receber um bonito brinde, talvez um queijo ou um presunto... Estes armazéns, sempre próximos às residências, tinham o nome de "Secos e Molhados" (muitas vezes matutei sobre o porquê deste nome, mas, afinal, o mesmo é apropriado, pois lá encontram-se à venda produtos secos e molhados) e possuíam um cheiro todo especial. Era o aroma do mel misturado ao da linguiça defumada, ao da carne seca, etc. Tudo era pesado na frente do freguês. Alguns destes estabelecimentos tinham na rua uma espécie de cerca para amarrar os cavalos.

No alto da Rua Quinze havia o armazém Rüdiger, muito bem equipado, e ainda a casa do Sr. Scheidemantel. Um estabelecimento muito grande era o do Sr. Arthur Hoeschl, que também dispunha de uma loja de tecidos. Mais adiante encontrávamos o armazém do Sr. Otto Laux. A-

liás, o comércio da Rua Quinze era muito diversificado. Assim, ao lado da confeitaria e padaria dos irmãos Schmitt víamos a casa de calçados "A Favorita", do Sr. Pawloski e um pouco mais adiante a chapelaria do Sr. Rieschbieter. Como se pode ver, não era preciso andar muito para fazer as compras, mas mesmo assim caminhava-se muito, já que nem todos, ou melhor, muito poucos eram os que possuíam automóveis, e as mulheres não dirigiam. E faziam bem em andar, pois as mesas eram fartas e, conseqüentemente, as **Frauen** de Blumenau eram bem fofinhas.

Por outro lado, muita coisa era fornecida a domicílio. Durante a semana chegavam as carroças dos mais diversos lugares dos arredores de Blumenau, trazendo verduras e frutas frescas e sem agrotóxicos. Vinham do bairro Velha Grande, Estrada de Areia, do Alto Garcia, já sendo esperadas pelas donas de casa. Em pouco tempo a carroça estava rodeada por algumas delas. Cada uma escolhia o que queria, e tentava-se baixar o preço disto ou daquilo. Este encontro de vizinhas também servia para colocar em dia as "últimas". Com o passar do tempo o verdureiro já era um velho conhecido.

Também as carroças dos galináceos eram bem recebidas. Vendiam galinhas, patos, marrecos e as famosas "mulas" (cruza de pato com marreco). Uma vez que estas aves eram criadas em terreiro aberto, não iam diretamente para a panela, mas ficavam duas semanas de quarentena, e como galinha não tem dente e não traz certidão de nascimento não se sabia quanto tem-

po teria que ficar na panela!

Além das verduras e das aves de abate, também o leite era entregue em casa. No alto da Rua Quinze de Novembro começava a trajetória do Sr. Kuhlmann, que vinha de Badenfurt. Com sua carroça cheia de grandes latões, parava de trechos em trechos para passar o leite dos referidos latões para menores, com que fazia a entrega nas residências, não sem deixar suas marcas pela calçada. Depois do meio-dia ele retornava a Badenfurth, recolhendo nos hotéis, para sua criação, as lavagens com que enchia os mesmos grandes latões!

Blumenau, então, sofria dois flagelos: um era a seca; outro, a enchente, que nos ameaça até hoje. Não havia água encanada, e as residências de todos possuíam um poço no quintal. Estes tinham em média doze a quatorze metros de profundidade. Por cima da roda de tijolos ostentavam uma casinha com o molinete. Nas grandes estiagens muitos destes poços baixavam de nível e alguns até secavam. Em virtude da falta de chuva começava o racionamento de energia elétrica, pois a usina de Salto Weissbach dependia do nível da água do rio. Não sei o que era pior, se esta grande e demorada falta de energia elétrica ou se as enchentes. Na verdade, ambas as calamidades incomodavam muito.

Mas voltemos ao dia-a-dia normal. A manhã da dona de casa começava cedo. As crianças precisavam ser aprontadas para a escola, e a mãe também preparava o lanche, pois os colégios não possuíam cantinas. O resto da manhã era ocupado com a limpeza da casa e com a cozi-

nha.

Ao meio-dia começava a alegre algazarra nas ruas com a volta à casa da garotada. Esta criança ia e voltava a pé, pois nem se pensava em ônibus escolar. No centro de Blumenau havia os seguintes colégios: Grupo Escolar Luiz Delfino, Colégio Santo Antônio, Colégio Sagrada Família e a Escola Alemã. Com exceção desta última (que foi encampada pelo Governo, passando a ser o Colégio Estadual e Escola Normal D. Pedro II), todas as outras ainda funcionam com o mesmo nome.

Estando a família reunida, servia-se o almoço, que geralmente começava com um prato de sopa. Como era bom este costume da família reunir-se à mesa a ouvir a animada conversa da garotada. Cada um contava alguma coisa do colégio, e assim os pais ficavam bem mais informados a respeito do estudo e do comportamento de seus filhos.

Como isto hoje faz falta! Além disso, não havia televisão e nem rádio e as crianças brincavam mais ao ar livre.

Começava então a parte do dia mais leve para a dona de casa. Ela costurava ou bordava, recebia ou fazia visitas e ia às compras. Quase todas as **Frauen** faziam parte de um grupo de amigas que se encontravam semanalmente em casa de uma delas. Estas reuniões eram chamadas **Kraenzchen**. Estes encontros serviam para pôr a conversa em dia e fofocava-se um pouco, bordava-se e tomava-se um bom café com bolo e salgados. A anfitriã caprichava na apresentação da mesa, e a melhor louça saía dos armários. Preparavam-se os melhores qui-

tutes e sempre servia-se um prato novo e especial. Logo vinham os pedidos da receita... Eram tardes gostosas e alegres, e cada amiga voltava para casa com as baterias carregadas... e com muitas novidades.

Naquela época as roupas eram costuradas em casa. Não havia confecções, mas sim costureiras, que vinham trabalhar nas casas de família. Eram exímias costureiras, diga-se de passagem. Lembro-me bem da Maria Vaillati, de como era hábil, uma verdadeira artista, que não usava molde, mas somente a fita métrica e a tesoura. Também havia as costureiras com atelier montado, como Dona Eugênia Miguez, Frau Kellermann e outras mais.

Também os chapéus eram confeccionados em nossa cidade, na chapelaria do Sr. Luiz Rieschbieter. Lá eram feitos os mais variados modelos. Naquela época nenhuma mulher saía de casa sem este acessório. No verão, usava-se um de palha e no inverno, um de feltro. A confecção de um chapéu era bem interessante. A forma era amoldada na medida e a palha, que vinha em rolos de tiras, era colocada ao redor da forma e presa com alfinetes. Depois era levada a uma máquina especial e costurada. Estes chapéus eram enfeitados com flores e fitas. Moda muito prática para um tempo em que cabeleireira era coisa rara.

Um grande benefício dos tempos idos e que se perdeu no decorrer dos anos foi o médico de família. Ele conhecia todos os membros da família, às vezes desde o nascimento, e acompanhava o desenvolvimento da

criança. Na virada do século, tivemos o Dr. Hugo Gensch, o Dr. Kuebel, que era médico do Hospital Santo Antônio. Muitos ainda devem lembrar-se do senhor de barba negra, passando em sua charrete entre oito e nove horas pela Rua Quinze de Novembro. Havia também o Dr. Pape, médico de olhos, nariz e garganta. Poucos devem saber que ele também era pediatra.

As crianças nasciam em casa com o auxílio de uma parteira, a Frau Ernst, uma figura quase folclórica. Por sua mão vieram ao mundo várias gerações de pais, filhos, netos e bisnetos. As vovós diziam que nos hospitais as crianças eram trocadas...

Em termos de transportes, não havia muitos táxis e assim usavam-se os carros de cavalos, as famosas **Kutschen**. Faziam ponto na Alameda Rio Branco. Os ônibus desciam da Itoupava Seca até a Rua das Palmeiras, mas poucas vezes ao dia, e o pessoal ia mesmo a pé ou de bicicleta.

Tínhamos também o trem, que aliás nunca devia ter parado. Às nove horas da manhã ouvia-se o seu apito, anunciando sua chegada. Vinha de Rio do Sul e de Ibirama. Logo as calçadas se enchiam de pessoas, vindas das cidades vizinhas para fazerem suas compras. Pessoa muito conhecida era o estafeta, o Sr. Zelatschek. Este moço era de inteira confiança e efetuava qualquer compra para quem não podia viajar. Trazia e levava a correspondência em sua pasta. Às quize horas o trem retornava a Rio do Sul, sendo uma fonte de renda para táxis, carros de cavalos e para o comércio em geral. Aos domingos, o trem era

um divertimento para muita gente. Embarcava-se às quinze horas para Rio do Sul e voltava-se com o trem que retornava à tarde. A baldeação ocorria em Aquidaban, hoje chamada Apiúna. — É!, o apito do trem deixou saudade...

Os ônibus intermunicipais, lá pelos anos trinta, apanhavam os viajantes em suas casas, mediante um telefonema. Os que embarcavam primeiro tinham uma viagem mais longa, mas ocupavam os melhores lugares. Os motoristas destas linhas de ônibus também costumavam fazer compras para os blumenauenses. O Sr. Meier, da Auto-Viação era muito solicitado e fazia qualquer compra em Florianópolis.

Na década de vinte, o cinema firmou-se como lazer em Blumenau. Funcionava no Hotel Holetz, que possuía um grande salão, sempre usado para bailes e espetáculos teatrais, tendo ao fundo um bar. As sessões de cinema tinham lugar às quartas-feiras, aos sábados e domingos, às vinte horas. O filme era apresentado com pequenos intervalos, sendo que o da metade durava vinte minutos. Era comum os homens procurarem o bar para uma geladinha... Ao terceiro toque da sineta todos voltavam a seus lugares. Aos domingos, às quatorze horas, havia sessão para a garotada. Mas já se podia entrar às treze horas, e como o filme era mudo, ao lado da tela estava o piano de Dona Netinha Braga, que tocava marchinhas para quem quisesse dançar no espaço entre o palco e a plateia. O filme era um seriado, e o capítulo sempre terminava no momento de maior perigo. Ob-

servava-se muito a qualidade do filme, no sentido do mesmo ser próprio para a faixa etária dos baixinhos. Eram filmes de Tarzan, Rin-tim-tim, Carlitos, Haroldo Lloid, Mitzi Green e Jack Cooper e outros mais. Na década de trinta, com o cinema falado, desapareceram muitos ídolos e surgiram novos. A UFA entrou em cheio em Blumenau. Filmes "Deutsch Gesprochen u. Deutsch Gesungen" (falado e cantado em alemão) garantiam casa cheia. Estavam muito em voga os filmes baseados em operetas, dando grandes chances aos bons cantores. Os mais conhecidos da UFA eram Lilian Harvey e Willi Fritsch, que formavam um par de renome. "Die drei von der Tankstelle" ficou na memória. Martha Eggert e Jan Kiepura, e o fenômeno vocal Erna Sack e outros tantos faziam sucesso. Benjamino Gigli brilhou em "Ave Maria". Alguém se lembra da famosa "Sinfonia Inacabada"? Para quem não sabe, alguns filmes trouxeram espectadores de Rio do Sul em trens especialmente fretados para o evento. Um era "Morgenrot" e outro, "Hitlerjunge Quese". As sessões da UFA eram jocosamente chamadas de "sessões natalina". Pessoas que pouco saíam de casa tiravam suas roupas guardadas no armário...

Mas já que estamos falando em lazer, não podemos nos esquecer dos clubes de bolão, um tradicional costume da população de origem alemã. Estes clubes eram frequentados tanto por homens quanto por mulheres. Estes se reuniam para jogar uma vez por semana, à noite. Entre uma jogada e outra, um copo de

cerveja... As mulheres jogavam à tarde, e a cerveja era substituída por café, acompanhado de deliciosas tortas. Ninguém falava em "diet". Elegante era ser gordinha, sinal de prosperidade.

Termino aqui estas anotações, mas a memória continua... lembrando um tempo em que não havia rádio, nem televisão, nem eletrodomésticos, um tempo em que a vida era mais trabalhosa,

mas mesmo assim tinha-se mais tempo para VIVER. Um tempo em que não tínhamos grades nas janelas, não se falava em assaltos, seqüestros e drogas. Um tempo em que não se apontava o homem de bem, mas sim o desonesto. Parece-me que todo o avanço da tecnologia e outras conquistas não conseguiram melhorar nosso bem-estar.

Grete Medeiros

REGISTROS DE TOMBO DE PORTO BELO (I)

Pe. Antônio Francisco Bohn

Termo de abertura assinado pelo Pe. Antônio Eising, em 14.03.1900.

Provisão: Por Provisão do Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo Diocesano Dom José de Camargo Barros, datada de 2 de dezembro de 1899, eu Pe. Antônio Eising, cura de Brusque, fiquei encarregado das Paróquias de Tijucas, São João e Porto Belo. Não encontrando um Livro de Tombo na Paróquia de Porto Belo, pedi e recebi da autoridade eclesiástica a licença acima de abrir este livro..

nº. 1: Carta Pastoral do Sr. Bispo sobre o Concílio Americano-Latino (sem data). nº. 2: Tríduo na Paróquia nos dias 15,16 e 17 de fevereiro de 1900.

Bênção Papal dia 18 de fevereiro de 1900.

Consagração da Paróquia ao Sagrado Coração de Jesus, em 17 de fevereiro de 1900.

Nº. 3: Mandamento sobre o Boletim Eclesiástico, em 30.01.1900.

Nº. 4: Circular sobre o Boletim Eclesiástico, em 25.01.1900.

Nº. 5: Pastoral Coletiva dos Prelados, em 21.01.1900.

Nº. 6: Carta Pastoral sobre as escolas paroquiais e Associação

de Santo Antônio, em 02.02.1900.

Nº. 7 Circular sobre o aniversário natalício de Leão XIII, em 03.02.1900.

Nº. 8: Circular sobre as demonstrações religiosas, em 09.04.1900.

Nº. 9: Circular de comunicação sobre a situação do Apostolado da Oração, em 01.07.1900.

Nº. 10: Circular sobre providências dos noivos com relação ao casamento civil, em 26.07.1900.

Nº. 11: Portaria que trata da faculdade de dispensa "in articulo mortis", em 08.09.1900.

Nº. 12: Circular sobre diversos assuntos internos, em 01.10.1900, sobre a recitação do terço no mês de outubro e ajuda para a construção da Basilica de Lepanto (seguem cópias de cartas providas de Roma).

Nº. 13: Provisão de nomeação do Pe. Ernesto Consoni como coadjutor da Paróquia de Brusque, em 23.11.1900.

Nº. 14: Portaria que trata da missa de 31.12. e missa da Circuncisão do Senhor, em 24.11.1900.

Nº. 15: Circular que trata das manifestações religiosas, em... 25.11.1900.

(Continua)

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excerto do «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia), editado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 19 de julho de 1871.

Colônia Dona Francisca — Os 60 colonos suecos imigrados pelo navio «Rheidol Queen» compreendem 10 famílias e mais 37 pessoas, 56 têm mais de 10 anos de idade, 4 abaixo de 10 anos. Entre eles há os seguintes profissionais: 1 alfaiate, 2 ferreiros, 1 oleiro, 1 farmacêutico e os outros são agricultores. São do sexo masculino 43 e do sexo feminino 17. Todos são evangélicos. Estes imigrantes em sua maioria oriundos da província de Schoenen, Suécia, pretendiam emigrar para a Austrália, porém, ao chegarem a Copenhague, o veleiro destinado à Austrália, já havia partido e não existia outro barco em perspectiva para aquele destino.

Foi quando o agente de emigração, Duehrssen, lhes apresentou um prospecto em idioma sueco, acompanhado de uma anotação do cônsul geral brasileiro, Ernesto de Souza Leconte, prospecto este intitulado «Colônia Sueca na Província de Santa Catarina, América do Sul», contendo as seguintes referências fantásticas: «O Governo Imperial Brasileiro resolveu organizar na Província de Santa Catarina, em região fertilíssima, uma colônia sueca, que seria formada exclusivamente por suecos. As áreas seriam concedidas a crédito, por 10 anos, na chegada teriam sustento livre durante 10 dias, além de outras vantagens». Em vista dessa promessa, os emigrantes decidiram embarcar para a «Colônia sueca», seguindo para Hamburgo e vindo, por fim, para a Colônia Dona Francisca. Ficaram muito surpresos, naturalmente, por encontrarem aqui uma colônia alemã, onde somente um ou outro dos moradores estava em condições de se entender com eles e quando constataram que a esperada «colônia sueca» não existia, assim como também as vantagens oferecidas eram simples fantasias.

O que dizer a tal chantagem? Será que com estes meios se espera conseguir o aumento da imigração para o Brasil? Será que devemos condenar o governo alemão, quando procura entravar a emigração de seus súditos?

De resto há outros aspectos bastante negativos quanto à viagem. A água para beber era péssima, pois estava acondicionada em barricas mal lavadas, depois de servirem para o transporte de vinhos ou líquidos semelhantes. Além disso, não existiam a bordo botes de salvamento para os passageiros e tripulantes, em caso de necessidade. Havia somente um bote de salvamento, de modo que em S. Francisco, quando 3 dos marinheiros fugiram com a embarcação, o comandante do veleiro teve de alugar uma canoa para poder chegar à Colônia D. Francisca. Sabemos que existe em Hamburgo uma comissão naval, que tem a obrigação de controlar os navios de emigração. É incompreensível que tais fatos possam escapar à sua atenção.

O REGIONALISMO CAMPEIRO EM SANTA CATARINA

Ao contrário do que aconteceu nos Estados vizinhos do sul e do norte, em Santa Catarina o chamado regionalismo dos Campos Gerais é uma corrente modesta. O Paraná sempre teve inúmeros escritores e poetas dessa linha, entre eles Júlio Pernetta, que teria sido o introdutor da escola no país, antes mesmo de Afonso Arinos e seu «Pelo Sertão», em 1898. O Rio Grande do Sul, além de outros, contou com Darcy Azambuja e Simões Lopes Neto, este considerado um dos maiores regionalistas de todos os tempos. Em Santa Catarina seus expoentes são poucos e têm surgido em geral após longos hiatos.

Escrevendo sobre o nosso regionalismo, o crítico Nereu Corrêa o considerou mais pobre que o gaúcho, em especial na linguagem. Outros críticos repetiram a afirmação e eu próprio, em trabalhos mais antigos, a endosseí. Hoje, porém, depois de muito ler, viajar e observar, entendo que ele não é mais pobre nem mais rico, apenas diferente. Existem entre eles semelhanças e aproximações; são parecidos mas não são iguais. Cada um sofreu influências diversas e criou fisionomia própria. Também não me parece correto chamar o nosso regionalismo de gauchesco. Assim como ele tem semelhança com o gaúcho, também tem com o do Paraná e nem por isso será lícito chamá-lo de paranista ou algo semelhante.

O iniciador de nosso regionalismo foi Tito Carvalho (1896/1965), autor de «Bulha d'Arroio» (contos) e «Vida Salobra» (romance). Narrador vigoroso e observador arguto, captou magníficos flagrantes da vida campeira. Influenciado por Simões Lopes Neto, exagerou na linguagem do homem serrano e com isso perdeu em autenticidade. Como disse Lauro Junkes, 'sua linguagem e cosmovisão se apresentam estreitamente aparentadas com o regionalismo gaúcho'. Isso, porém, não lhe tira o mérito de grande escritor e abridor de caminhos.

Mais tarde, integrando o Grupo Sul, surgia Guido Wilmar Sassi, autor de obra mais vasta, ainda em realização, onde avultam «Piã» e «Amigo Velho» (contos) e o romance «São Miguel». A preocupação com a linguagem local fica em segundo plano, predominando os aspectos sociais e de denúncia. Escrevendo depois de Tito Carvalho, ele retratou a exploração predatória da natureza pela indústria madeireira e iniciou o ciclo do pinheiro nas letras nacionais.

Duas décadas depois, iniciei minha colaboração. Desde a publicação de «O Peão Negro», em 1973, dez outros volumes de contos e novelas regionalistas de minha autoria procuram formar um painel da

região nunca feito antes, com mais de uma centena de peças ficcionais. Procurei fugir a quaisquer influências, descrevendo a região como a vejo e sinto, buscando a maior autenticidade, sem caricaturas ou exageros. Em 1974 surgia Edson Ubaldo, autor dos livros «Bandeira do Divino» e «Rédea Trançada», ambos de contos, e que trouxeram excelente contribuição. É pena que tenha deixado de produzir, embora acredite que escreve em surdina alguma obra de fôlego.

Anos depois, mais para o norte, aparece Fernando Tokarski, com o livro «Aniba e Outros Povos», inovando a linguagem e colocando na ficção regional a integração das culturas cabocla e polaca, o que também tentei fazer em vários contos.

Desponta, por fim, o lageano Márcio Camargo Costa, autor de «O Gaudério de Cambajuva» e «A Caudilha de Lages», reunindo contos e crônicas. Esmerando-se na fala local, explora muito bem o pitoresco e o humor.

Todos esses autores, a par de sua filiação regionalista, são escritores de recursos e experiência e a leitura de suas obras agrada sempre.

Iniciado por Tito Carvalho e prosseguindo com Sassi, Ubaldo, Tokarski e eu próprio, o regionalismo catarinense vinha se desenvolvendo num sentido modernizante, atualizado com as modificações que o progresso impôs à região pela presença do rádio e da televisão, das estradas e do automóvel, e as inevitáveis alterações no linguajar. Com o surgimento de Márcio Camargo Costa, nosso regionalismo voltou às fontes originais, com Tito Carvalho e os que nele influenciaram. Biparte-se, portanto, numa linha moderna e numa conservadora ou típica. É impossível prever qual delas se desenvolverá com mais força, uma vez que não surgiram novos regionalistas.

Escrevendo essa obra regionalista, nada mais faço que retratar minha aldeia, conforme o conselho de Tolstoi. Mas isso não implica, de minha parte, em negação do universal ou em dar as costas ao restante do país. Tento realçar o fio de colorido próprio no tecido da cultura nacional», como disse o crítico, que é a minha região, um dos muitos fios de cor diferente que existem. Não me tornei por isso um conservador. Tenho nítida simpatia pelo modernismo (incluindo o **pré** e o **pós**), pelos movimentos populares e abomino o sectarismo. Sou partidário ardente de um Brasil uno e grande, respeitando todas as cores e características regionais, mas pulsando pelos objetivos comuns.

PS — A Fundação Catarinense de Cultura publicou, num só volume, toda a obra de ficção de Tito Carvalho, permitindo assim que o leitor tenha acesso à produção do fundador do nosso regionalismo e confira o que escrevi.

TOPONÍMIA BARRIGA-VERDE

THEOBALDO COSTA JAMUNDA

(REFERÊNCIAS MUNICIPAIS — IV)

Outros topônimos da letra A, até francos na revelação do significado vernáculo. (Como falaria grave doutor em linguística ou precavido tupinólogo: autênticos apelidos geonomásticos). Por isso transparentes como exemplos: "Águas de Chapecó" e "Águas Mornas". O detalhe é que a fama de existirem águas minerais atraiu o progresso. Os dois topônimos são daqueles com potencialidade intrínsecas de divulgar os territórios que identificam. Apenas falados ou escritos anunciam e convidam. A crônica registra que antes do empreendimento oficial ou da ação privada das colonizadoras, bandeirantes, tropeiros, aventureiros, caçadores profissionais, afamaram os valores de "Águas de Chapecó" e de "Águas Mornas".

E outros lugares foram batizados por água disso, daquilo, desta ou daquela cor; apenas não ganharam a sorte de ter a fecundação da fama. Veja-se para confirmação o **Dicionário Histórico e Geográfico de Santa Catarina**, de José Arthur Boiteux, relacionando apelidos geonomásticos, como: "Águas Claras", "Água Verde", "Água Branca", "Águas Negras", "Águas Vermelhas", entre outros criados pelo impressionismo difícil de identificar. Fica-se na satisfação de relacioná-la como topônimos de origem folclórica. Entretanto, vale saber que topônimo folclórico é, sobretudo, autêntico. Compare-se o

topônimo "Beaurepaire Roan" (existiu ou ainda existe no vale do rio Timbó — afluente do Iguaçu), é bom exemplo como elitista e artificial. Na balança da avaliação se pesa quanto diante de: "Caminho-dos-bobos", "Obscuro", que é curso d'água desaguando em outro chamado "Passa-dois" ou apreciando os seguintes: "Quebra-dedo", "Quebra-dente", "Quebra-joelho" ou aquele de morro de Angelina, SC, em si mesmo uma explicação orientadora — "Quatorze-voltas", e ainda conhecido como "Morro-da-espera".

O tauto-brasileiro deu contribuição na toponímia catarinense, identificando-se, principalmente com reação nostálgica: "Nova Stettin" (Neu Stettin igual a Nova português mais Stettin igual alemão. Autêntico hibridismo, que como outros são encontrados no Mapa de Blumenau de 1924, organizado por José Deeké).

— Como reação interpretativa, serve "Katzebach". Existe algo de humor e precaução; na área do curso d'água, onças, quando existiram nele satisfizeram a sede; mas no significado de "Katze" igual a Gato, está embutido o brasileirismo gatuno.

No dicionário mencionado anteriormente está ortografado: "Ribeirão Katzebach". Quando apenas deveria ser "Katzebach". (Alemão, Bach é ribeirão). A graça do topônimo é que originou-se humoristicamente, ao pé da letra entendendo-se gato por

onça, quando na intimidade comunitária dos pioneiros, a referência era para a gatunice das águas e de alguém mais.

Neste raciocínio também se tem o topônimo "Tacho-da-Linguíça". Apenas referencial e no conhecimento dos mais antigos da pequena comunidade de "Encaño Alto" (Indaial).

"Tacho-da-Linguíça" não referenciava a fabricação de linguíça, nem de tacho. Sabia-se o significado depois de conhecer o apodo embutido, sempre revelado com ar de riso e olhar de zombaria. Tacho igual a lugar. Linguíça igual a trapaça.

O epônimo "Alfredo Wagner" não chegou com os madrugadores da civilização regional. Quando apareceu, já o capitão de guardas-nacionais Serafim Muniz de Moura tinha rasgado a pele nos espinhos da mata Atlântica, disputando espaço com as feras, pisado cabeça de cobra, e aberto clareira na solidão verde. Percebera o aborígene bisbilhotando e segurara nos nervos o medo da flechada, se traiçoeira. O epônimo "Alfredo Wagner" é posterior aos topônimos: "Guarda-Velha", "Catuíra", "Calçadas". Estes últimos são marcas e ficaram sendo marcos testemunhadores do rasto do sertanejo que o imigrante já encontrou. Alfredo Wagner aparece com merecimento numa imortalização pelo trabalho que prestou à sociedade à qual pertenceu. Se o sertão era bruto quando ele (o homem Alfredo Wagner) apareceu ao tempo de bandeirantes, tropeiros e sertanejos, plantadores de lugares, era, singularmente, feraz.

Nenhuma insinuação de desmerecimento à memória do as-

cedente de imigrantes Alfredo Wagner. Entretanto, também é preciso não deixar com pedra em cima que pelas paragens viveu Serafim Muniz de Moura, na vanguarda implantadora de condições de sobrevivência da criatura humana. Para ele se defenda e se alimente o lugar, que tem na história do desbravamento dos sertões da mata Atlântica. (Interessados na matéria procurem Henrique Bouteux, A República Catarinense, Biblioteca Re-prográfica Xerox. Rio de Janeiro, RJ 1985; e principalmente Onorina Laura Carrero e Maurílio Luz, Aspectos da História e do presente de Alfredo Wagner).

Blumenau é topônimo ímpar. A apologética da emoção diz: Blumenau — Terra de Flores, Várzea de Flores, Vale das Flores. No chamar lateja o bem-querer. O figurativo alcança o exagero, às vezes, no texto justificado pelo turismo. A preocupação com o significado da palavra dita alemã Blume é que flor em português usurpa Blumenau ser epônimo do colonizador Hermann Bruno Otto Blumenau (26. XII. 1819 — 30.X.1899). Não foi nome selecionado para a nomeação de empreendimento colonizador como: "Colônia São Pedro de Alcântara", "Colônia Dona Francisca", "Colônia Urussanga".

Não existia empreendimento com o nome Blumenau antes dele; nem passou a existir depois. O nome Blumenau foi imune, ou melhor, não foi ameaçado nem pela ação política mudancista, nem nacionalizadora, ocorrentes.

A personalidade forte do Homem integrou-se na obra ao modo de imagem refletida.

Hoje o espaço geográfico, no

qual a paisagem humana encerra em si mesma orgulho brasileiro, é enraizada na Colônia de Blumenau.

Em 1924, no governo Curt Hering, era município com dez distritos; em 1930, véspera do desmembramento administrativo de 1934, a sua área territorial media 9.428 quilômetros quadrados. Desmembrado, ficou na História o "Grande Blumenau" de uma dezena de distritos. E afinal passou a existir com apenas 714 quilômetros quadrados porém íntegro na dignidade do nome, que é o mesmo da terra e do Homem. E não porque o topônimo seja assemelhadamente telúrico como "Morro da Fumaça", "Pedras Grandes", "Porto Belo".

O querer achar relacionamento do nome "Blumenau" na Geografia e na Botânica, regionais, não é proibido.

O equívoco impatriótico que alcança deturpar o sonho do fundador da Colônia de Blumenau, é entendê-la sem ser um catarinense com marca blumenauense.

Isto que se entende na paisagem humana de Blumenau como postal ou clichê europeu, não é uma verdade, também não é um crime. Cada qual tem a liberdade de dizer o que vê, mesmo que seja o "cavalo branco de Napoleão com outra cor".

Vivente olhando, por dentro a paisagem humana da Bacia do Itajaí, por aproximados vinte anos, saboreei contradições na geografia caprichosa. E uma delas foi a magnífica vista do lugar "Saxônia" (Acurra, SC), tirada da planície do ribeirão São Paulo: Nenhum saxão por ali, nem nas vizinhanças dos poucos e únicos ítalo-brasileiros.

(Fim (Primavera de 93)

CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — XXVII

Laticínios em Blumenau — Década dos 20

S. C. Wahle — 1993

No fim da década dos 20, e no começo da década dos 30, havia no Estado de Santa Catarina somente um ginásio, e este situado em Florianópolis, que se denominava Gymnasio Catharinense. Este ginásio era dirigido por padres jesuítas, oriundos do Estado do Rio Grande do Sul. Assim, sem outra possibilidade, o meu pai encaminhou-me ao internato deste ginásio em 1930. Naquela época, a imagem deste ginásio alcançava todos os Estados da União. Havia colegas gaúchos, paranaenses, paulistas, cariocas, mineiros e até do Amazonas. Numa época, em que o município de Blumenau ainda não havia sido desmembrado, estudávamos, no ginásio, corografia (descrição particular do Brasil) em um livro de autoria do Professor Pe. Geraldo Pauwels S. J. Esta disciplina era dada no segundo ano. Quando se terminava uma disciplina, fazia-se no fim do ano um exame final escrito e oral, com direito a um certificado. O livro do Pe. Pauwels, ao tratar de Santa Catarina, referia-se ao Município de Blumenau como o maior produtor de laticínios do Brasil. Depois de janeiro de 1934, isto deixou de ser verdadeiro, pois, com o desmembramento do Município de Blumenau, esta produção de laticínios desintegrou-se em tantas produções, quantos municípios eram desagregados. Infelizmente, a fama de maior produtor de laticínios do Brasil foi muito efêmera.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

Atilio Zonta,

- Visita Oficial do Governador Irineu Bornhausen a Ascurra;
- Instalação do Núcleo Rural;
- Semana Santa de 1946;
- Festa de Nossa Senhora Aparecida em 1953.

Pela primeira vez, em 2 de julho de 1953, o Chefe do Executivo Estadual, Irineu Bornhausen, visita oficialmente a Vila de Ascurra, e foi recepcionado por grande massa de povo ascurrense e de localidades circundantes. Atilio Zonta, Coletor de Tributos Estaduais e Presidente do Diretório da União Democrática Nacional (UDN), proferiu discurso de saudação, demonstrando o apreço e o valor que essa visita significava para Ascurra e que nada mais era do que "o reflexo pelo que o Governo vem realizando em benefício dessa terra, constituindo para essa gente ordeira e trabalhadora, um estímulo, e força nova de que tanto carecia. E a homenagem que estava sendo prestada, conquanto modesta, era verdadeira demonstração espontânea da satisfação dos ascurrenses. E o povo que saúda V. Excia., o recebe de coração agradecido. Todos encontram-se aqui para testemunhar a sua solidariedade e sentem-se orgulhosos de poder contá-lo como seu concidadão, e vieram para apresentar a V. Excia. as boas vindas". Em breve improvisado, S. Excia. o Governador, agradeceu as palavras proferidas pelo seu

correligionário e pela magnífica recepção. Logo após, de balsa, cruzaram o Itajaí-açu, alcançando a margem esquerda e toda a comitiva governamental, autoridades e povo presente, dirigiram-se ao Ginásio "São Paulo", onde foram recebidos pela banda do aspirantado e pelo Corpo Docente e Dicente. Saudou-os nessa oportunidade, o seminarista Delírio Poltronieri, em que foi aplaudido por todos os presentes. O Dr. Fernando Ferreira de Melo, Secretário de Educação, Saúde e Assistência Social, em empolgante alocução, agradeceu as homenagens em nome da comitiva, bem como, a demonstração de carinho do povo de Ascurra a seu Governador Irineu Bornhausen.

O Núcleo Rural da Associação Rural de Indaial, foi instalado oficialmente na Vila de Ascurra, no dia 8 de novembro de 1953, cuja reunião dos sócios fundadores realizou-se numa das salas de aula do Ginásio "São Paulo", sob a Presidência do Prefeito Marcus Rauh e do Secretário da Prefeitura do Município, Theobaldo Costa Jamundá, Presidente da Associação Rural, dos Diretores do Posto Agro-Pecua-

rio e do Posto de Inseminação Artificial de Indaial.

— As festas dos padroeiros da Igreja Matriz e Capelas na povoação de Ascurra, sempre foram realizadas com aparato solene e suntuoso, solenidades essas, que atraíam também fiéis residentes distante do centro da freguesia. Famílias inteiras chegavam a suspender suas ocupações cotidianas, bem como, os trabalhos da roça durante as plantações ou em épocas de colheita, afim de participarem de modo pleno das funções religiosas, consideradas por todos os paroquianos, sagradas e de indispensável frequência. Os moradores mais afastados, para afluir às cerimônias, usavam de todo o tipo imaginável de condução que possuíam, e na falta desta, cobriam o percurso a pé. Não havia aquele que não acompanhasse o padre celebrante em todos os momentos das orações. Quase todos os dias santos de guarda eram precedidos de novenas, com práticas de devoção, missas, rezas, cantos etc., que faziam durante nove dias consecutivos. Os tríduos, representavam um período de três dias sucessivos, com orações e cantos até o dia da grande festa. Essas solenidades foram postas em prática pelos Padres Salesianos, no início de sua implantação na Colônia de Ascurra, em 1916. Vigário e sacerdotes coadjutores que davam assistência espiritual em toda essa região, com muita antecedência anunciavam do púlpito, durante as missas, as grandes festas que seriam realizadas ao correr do ano. Tudo isso foi levado em prática até a década de sessenta, quando vá-

rias festividades foram extintas, com exceção exclusiva, a do padroeiro. No mês de janeiro eram comemoradas: Epifania e festa de Dom Bosco, fundador da Congregação Salesiana; quarta-feira de Cinzas e durante a quaresma, todas as sextas-feiras com as funções de Via Sacra até Domingo de Ramos; Páscoa da Ressurreição; 24 de maio, Nossa Senhora Auxiliadora; junho, Divino Espírito Santo, Corpus Christi e São Pedro e São Paulo; 15 de agosto, Assunção de Nossa Senhora; setembro, a de Nossa Senhora Aparecida; 1º de novembro, Todos os Santos e depois, Finados; 7 de dezembro, a grande festa do padroeiro Santo Ambrósio; dia 8, a da Imaculada Conceição; 25 de dezembro, Natal precedida de novena e tríduo e 31 de dezembro, encerramento do ano. A participação dos fiéis às referidas comemorações litúrgicas, era praticamente obrigatória. O Pároco pedia com insistência que ninguém faltasse e que todos procurassem interromper os seus trabalhos afim de frequentar todas as funções. Dizia também do púlpito, em suas homilias, que essas festas não eram meras recordações históricas, mas, fazem reviver os mistérios sagrados da obra redentora no coração de todos os fiéis, e que as funções assistidas com verdadeiro espírito de piedade, valeriam um retiro espiritual. A Semana Santa, não era senão um período de jejum, abstinência de carne e de muitas orações, com comunhão diária. Um extenso programa fixavam-no nas portas principais da igreja e capelas. Para se ter uma idéia de como decorriam as semanas santas de então, vamos trazer à memória

uma das muitas que participamos, celebrada na Igreja Matriz de Acurra. No domingo de Ramos, era rezada missa e, em voz alta, feita a leitura da paixão e morte de Jesus Cristo e em seguida, a bênção de ramos; procissão pela manhã e à noite, ofício de trevas, pelos salesianos do Colégio "São Paulo" e aspirantes, assistida por grande multidão de paroquianos; quinta-feira, missa solene, com comunhão e na sequência, procissão ao santo sepulcro e desnudação dos altares, central e laterais; à tarde, cerimônia do lava-pés e sermão pronunciado ao público pelo Padre Celebrante. Ao meio dia, início da adoração que se prolongava até o dia seguinte; sexta-feira, canto da paixão, via sacra solene pela rua principal da Vila, ao longo da qual, improvisavam tapetes e levantavam pequenos altares com quadros que representavam as quatorze estações da via sacra. Em cada altar, o sacerdote e participantes faziam breve pausa e rezavam. Depois da 14ª estação, retornavam todos à igreja para pronunciar as orações finais. Ao anoitecer, procissão do enterro acompanhada pela Banda do Colégio. Todos de vela acesa na mão, encerravam o dia, ouvindo o sermão do Padre Vigário. Sábado de Aleluia, bênção do fogo, sário e água batismal com o canto do Exultet e das profissões, e missa solene com o repicar dos três sinos da torre da matriz. Domingo de Páscoa, dia da ressurreição: durante a manhã, a celebração de três missas, sendo a última, soleníssima e homilia feita pelo Padre Celebrante; ao correr da tarde, o encerramento com vésperas sole-

nes. Estas, são lembranças que já têm quase meio século e, todavia, neste e noutros momentos, elas assaltam-nos insistentemente. Eram celebrações, às vezes, mui cansativas e se repetiam todas, ao longo dos cinquenta anos, na igreja matriz. Achamos indispensável o registro nesta história de como ocorriam as festas religiosas até o ano de sessenta e quatro, de vez que, dessa década em diante foram limitados o número de feriados nacionais, estaduais e municipais e em consequência, abolidas várias festas litúrgicas que eram celebradas durante o ano. Ao longo de todo esse tempo, aos domingos, pela manhã celebravam três missas e às tardes, aula de catecismo, encerrando o dia com bênçãos. Todos os cantos e preces eram feitos em latim com exceção de poucos.

Em 7 de setembro de 1953, celebrou-se a festa de Nossa Senhora Aparecida, na Igreja "Santo Ambrósio", com três missas e à tarde, Adoração do Santíssimo e bênção. O ofício das 9:00 horas foi solene, cantado pelos aspirantes do Colégio "São Paulo", a duas vozes. Na homilia das missas, nesse domingo, o 16º depois de Pentecostes, o celebrante combateu do púlpito, energicamente, a realização de bailes, principalmente nos salões onde funcionam bares, próximos à Matriz.

Na Capela de São José, em Guaricanas, no dia 18 de setembro de 1954, trinta crianças fizeram sua primeira comunhão, cujo celebrante foi o guaricanense, Pa-

dre Virgínio Fistarol. Os cantores da Igreja Matriz, fizeram-se presentes nesse ato solene.

Nas próximas edições desta revista:

— As primeiras linhas de ônibus que faziam o itine-

rário Ascurra-Blumenau;

— Visita do Padre Inspetor Salesiano, Antônio Barbosa, à Paróquia e ao Bispo Diocesano de Joinville.

— Em agosto de 1955, houve o encerramento do Congresso Mariano de Joinville.

— Festa do Natal em 1955.

O valor do artífice no começo do século

BLUMENAUER ZEITUNG Nº. 4. Sábado, 25 de janeiro de 1902. Ano 21

Referente a Situação da Profissão

«O ofício, a profissão acabou. Hoje a profissão não tem mais um chão de ouro. Não pode mais resistir ao grande capital, e ir contra grandes indústrias, são expressões judias — livres pensamentos social-democratas. Em todos os estados de cultura, os camponeses e artífices são a maioria e também aqui no município de Blumenau.

Em lugar da liberdade profissional deverá aparecer uma ordenada e sadia proteção profissional. Precisa sobressair mais a honra do artífice. «Eu sou um artífice».

As classes e outras associações profissionais são a expressão da honra. Elas entre si regulam o sistema de aprendizagem, supervisionam seus albergues, têm caixa para doenças, cuidam dos pertencentes à sua classe e de suas viúvas e órfãos, tanto quanto podem.

Com a liberdade profissional, apareceu o relapso profissional.

Olhemos uma vez nossa velha pátria Alemanha, todo aquele que tem dinheiro pode abrir uma «empresa profissional». Hoje se alguém vende sapatos, o negócio não vai e se abre «Falência» — mas uma boa falência. Pouco tempo depois o mesmo faz outra falência, em roupas. Hoje já se estabeleceu uma verdadeira indústria de falências. (Há negócios que faliram cinco, seis vezes e o proprietário ainda consta da lista do Conselho comercial). Perguntamos quem introduziu na Alemanha a «famosa» liberdade profissional? Nos anos 70 a maioria no Congresso era liberal, como cabeça estavam os judeus Lasker e Bamberg.

Há alguns anos os profissionais da Alemanha tomaram a iniciativa — e o Congresso deu a eles a Câmara profissional. Os social-democratas e livres pensadores eram contrários, pois não queriam que esta câmara ficasse forte.

Por que os profissionais não deveriam ter uma Câmara profissional? — Na Alemanha se tem Câmaras de comerciantes, e dos camponeses, a Câmara Agrícola.

Para fazer frente às grandes indústrias e ao grande capital, as pro-

fissionais precisam instalar depósitos de matéria-prima (sindicatos de compra) e estabelecimentos comerciais (a respeito destes dois pontos ainda escreverei em outro artigo). Os advogados, médicos, farmacêuticos têm os seus direitos reconhecidos pelo governo. Por que este direito é negado aos artífices?

O título de mestre deve ser honrado e quem aprendeu sua profissão a fundo, pode receber o título, com esta exigência se estabelece uma diferença entre mercados e mestre.

Se os artífices fossem unidos — a união faria a força e a concorrência suja daqueles que quisessem tirar a pão dos artífices, estaria no pelourinho.

O ofício será honrado e ainda tem um chão de ouro.

Para o fomento da profissão é preciso:

1) Regulamento do sistema de aprendizagem e oficial de ofício. Exames de oficial e mestre.

2) Somente pode se apresentar e usar o título de «mestre» aquele que tiver tempo de aprendizagem e de oficial.

3) Idade mínima do artífice que se torna autônomo.

4) Apresentação de provas de oficial, albergues etc.

5) Escolas de continuidade de estudo e escolas de aprendizes.

6) Cursos para mestres.

7) Associações de oficial.

8) Associações de classe, de ofício e profissão.

9) Caixas de auxílio a viúvas e órfãos de profissionais.

10) Casa dos profissionais (nesta casa são recolhidos aqueles artífices que em sua vida apesar de todo o trabalho nada conseguiram).

11) Instalação de um escritório de proteção dos direitos do artífice.

12) Criação de cargo de união ao que se refere a discussão sobre o salário e outras desavenças que possam surgir nas diversas profissões. (mestre, oficial, aprendiz). As despesas com a escrita, o partido perdedor teria que pagar. Um presidente, 2 secretários são cargos de honra.

13) Proibição dos trabalhos de prisioneiros para particulares.

14) Regulamento do sistema de submissão.

15) Criação de Câmaras profissionais.

16) Instalação de depósitos de matéria-prima e estabelecimentos de venda.

Em Santa Catarina a organização dos artífices vai muito mal, mesmo que alguns estejam dispostos a cooperar. Por isto profissionais, mãos à obra e sejam unidos. A união fortifica. A «honra da classe da profissão o exige».

Organizem-se para que estejamos no lugar e não possamos dizer: «A Profissão dormiu».

Ass.: Um artífice».

TRADUÇÃO : Edith Sophia Eimer.

GENEALOGIA DA FAMÍLIA SCHMIDT ou SCHMITT

GENEALOGIA DA FAMÍLIA GOEDERT

(I) A família Goedert, conforme Padre Raulino Reitz, Fruto da Imigração (FI) pág. 187, consta:

Goedert - I — Jacó Goedert, n. 1778, Alemanha, ferreiro, (cc) Ana Maria Schwarz, n. 1788.

Chegaram em 12-XI-1828, no bergantim "Marquês de Viana".

Em 29-III-1829, foram para São Pedro de Alcântara (SPA).

Pais de:

(F1) — Gertrudes, n. 1811, (cc) Valentim Theiss, (Gaspar),

(F2) — Ana Maria, n. 1814;

(F3) — Maria Ana, n. 1820;

(F4) — João Jacó, n. 1823, mudou-se para Santa Isabel (SI), (cc) Catarina Schmidt, n. 1823;

(F5) — Frederico (Francisco), n. 1824, também mudou-se para Santa Isabel (SI), (cc) Margarida Schmidt, n. 1822;

(F6) — Bernardina, n. 1828.

Também temos em Jacinto A. Matos, Colonização de Santa Catarina, pág. 200: Marido: Jacó Goedert, nacionalidade alemã, 51 anos, ferreiro. Chegou no "Marquês de Viana", subiu para a colônia a 29-III-1829.

Mulher: Ana Maria Schwarz, alemã, 41 anos.

Filhos: 1 — Gertrudes, alemã, 18 a, (cc) Valentim Theiss (Gaspar).

2 — Ana Maria, alemã, 15 a;

3 — Maria Ana, alemã, 9 a;

4 — João Jacó, alemão, 6 a, (cc) Catarina Schmidt;

5 — Frederico (Francisco), alemão, 5 a, (cc) Margarida Schmidt, n. 1827;

6 — Bernardina, alemã, 11 meses.

(II) A família Schmidt, conforme Pe. Raulino Reitz, pág. 202, Fruto da Imigração (FI):

Schmidt - I — João Pedro Schmidt, n. 8/9/1791, Brohl, Alemanha, lavrador, (cc) Maria Madalena Wirschem, n. 1792.

Em 12-XI-1828 chegaram no bergantim "Marquês de Viana".

Em 15-VI-1829 foram para São Pedro de Alcântara (SPA).

Pais de:

(F1) — João Adão Schmidt, n. 31-12-1814, Brohl — Alemanha.

(F2) — Nicolau Schmidt, n. 1815, idem.

(F3) — Luiza Schmidt, n. 1820, idem ou (Isabel ou Isabela).

(F4) — João Schmidt, n. 1821.

(F5) — Catarina Schmidt, n. 1823, idem.

(F6) — Margarida Schmidt, n. 1827, idem.

Também temos em Jacinto A. Matos, pág. 208:

Marido: João Pedro Schmidt, alemão, 40 a., veio no "Marquês de Viana" e subiu em 15 de junho de 1829.

Mulher: Maria Madalena Wirschem, alemã, 39 anos.

Pais de: 1 — João Adão, alemão, 16 a., n. 31-12-1814, Brohl.

2 — Nicolau, alemão, 15 a.

3 — Luiza (Isabela, Isabel) alemã, 9 a.

4 — João, alemão, 8 a.

5 — Catarina, alemã, 6 a.

6 — Margarida, alemã, 2 a.

(III) A Família Martendal, conforme Pe. Raulino Reitz, pág. 193, Fruto da Imigração (FI).

Martendal - I — João Martendal (o 1º.) (cc) Catarina Norman ou Mormann.

II — João Martendal (o 2º.), n. 1776, Alemanha, lavrador (cc) Catarina Normann, n. 1781.

Vieram em 12-XI-1828, no bergantim "Marquês de Viana".

Em 29-III-1829, foram para São Pedro de Alcântara (SPA).

Pais de :

1 — Nicolau n. 1801; 2 — João n. 1809; 3 — Margarida n. 1811; 4 — Catarina n. 1814; 5 — João Firmino n. 1817; 6 — Pedro n. 1819; 7 — Gertrudes n. 1822; 8 — Francisco José n. 1823.

Também temos em Jacinto A. Matos, Colonização de Santa Catarina, pág. 202:

Marido : João Martendal, alemão, 53 anos, lavrador. Veio no Marquês de "Viana", subiu a 29-III-1829 para SPA.

Mulher : Catarina Normann, alemã, 48 a.

Pais de : 1 — Nicolau, 28 a.,

2 — João, 20 a.,

3 — Margarida, 18 a.,

4 — Catarina, 15 a.,

5 — João Firmino, 12 a.,

6 — Pedro, 10 a.,

7 — Gertrudes, 6 a.,

8 — Francisco José, 6 a.

(IV) Da Família Besen, não consta registro de entrada, no livro Colonização de Santa Catarina, nem tão pouco no livro Fruto da Imigração (FI), de Padre Raulino Reitz, que (+) morreu a 20-XI-1990, em Itapema, S.C.

Cristóvão Besen, era casado (cc) com Margarida Schmidt, n. 1827, última filha de João Pedro Schmidt, que veio de Brohl, Alemanha, em 1828, para a colônia São Pedro de Alcântara (SPA), em Santa Catarina, em 1829.

I RAMO

(V) A Família de **João Reitz** vem de Hischfeld, no Hunsrück, que está situado na Alemanha, na parte sudoeste das montanhas renanas, em planalto ondulado, formado de rochas de ardósia. O planalto cai abruptamente para os rios **Renno**, **Mosela**, região que produz esses vinhos saborosos, **Nahe** e **Sarre** e é dominado pelos morros Erbeshoft (816 cm) e Iderkopt, ambos cobertos de florestas.

É uma zona agrícola onde se cultivam especialmente parreiras, árvores frutíferas e cereais.

As cidades são pequenas e os agricultores vivem em pitorescas aldeias, distanciadas de poucos quilômetros.

Hischfeld é o nome da aldeia onde vivia João Reitz e Ana Catarina Klein.

Também é das margens desses rios que veio a maioria dos imigrantes para São Pedro de Alcântara (SPA), em 1829.

João Reitz teve 11 filhos dos quais 7 (sete) vieram para o Brasil, indo instalar-se em Santa Isabel (SI), inicialmente, da qual é uma família pioneira.

A nova colônia foi fundada sobre o Rio dos Bugres, em 1846, e recebeu mais 28 famílias; ela fica situada na nova estrada de Florianópolis à Lages, no km 43.

João Reitz, mais tarde, mudou-se para a colônia de São Pedro de Alcântara, morando não longe da igreja matriz. Estabeleceu-se acima do salto no caminho de Santa Filomena.

Faleceu com a propecta idade de 90 anos e foi sepultado com sua esposa, no antigo cemitério, onde hoje se ergue a igreja matriz.

Os filhos, todos, casaram-se no Brasil.

Conforme consta do LNI de **casamentos** de Gaspar, as folhas 40, N 146 (9-18), em 6 de outubro de 1866,

F1-1 **João Peter Reitz**, n. 21-1-1891, nasceu em Hischfeld, na Prússia, filho de **João Reitz e Ana Catarina Klein**.

Casa-se com **Ana Theiss**, de Itajaí, com 20 a., n. 1846, filha de **Francisco Theiss e Maria Ana**, (n/p) de **Valentim Theiss e Gertrudes Goedert**, irmã de **João Jacó Goedert**, casado com **Catarina Schmidt e Frederico Schmidt**, casado com **Margarida Schmidt**.

João Peter Reitz é parente do Padre Raulino Reitz, formando o IV Ramo da família de João Reitz e Ana Catarina Klein, conforme se vê no livro Fruto da Imigração, de Pe. Raulino Reitz, folhas 110 a 112.

Teve 9 filhos com **Ana Theiss**, e residiam na paróquia de São Pedro Apóstolo, em Gaspar, na região de Belchior.

- N1-1 **Gertrudes Reitz**, n. 2-8-1867, Gaspar, R. 805, f. 162 (21-20) c/11 filhos, (f) João Reitz e Ana Theiss, (n/m) Francisco Theiss e Maria Ana, (b/m) Valentim Theiss e Gertrudes Goedert, (cc) Roberto Beiler, alemão.
- N2-2 **Cristiano Reitz**, n. 19-6-1879, (+) com 16 anos.
- N3-3 **Margarida Reitz**, n. 16-1-1872, (cc) Francisco Heil, n. 1872 c/8 filhos — Brusque.
- N4-4 **Maria Reitz** (Mimi), bat. 29-6-1876, n. 6-3-1876 — Gaspar (21-22) (cc) Miguel Deschamps, c/3 filhos.
- N5-5 **João Reitz**, n. 14-1-1874, (+) c/55 anos. Bebia. Solteiro.
- N6-6 **Luiza Reitz**, n. 29-8-1880, bat. 23-10-80, (cc) Henrique Klock — Gaspar, c/11 filhos.
- N7-7 **Catarina Reitz** — Gaspar, (cc) Arnaldo Kloc, c/13 filhos — 2ª. esposa **Maria Zimmermann** (Zéa).
- N8-8 **Alvino Reitz**, n. 10-11-1887 — Gaspar, (cc) Julita Amorim, c/2 filhos.
- N9-9 **Francisco Reitz**, bat. Gaspar, 18-2-1820, (+) com 17 anos, solteiro.
- F2-2 **João Schramm**, (f) Frederico Guilherme Schramm e Gertrudes Kemperdick, (cc) Felícia Theiss.

(Continua no próximo número)

A música em São Joaquim

Maria Nercolini

Podemos dizer que a música sempre fez parte da cultura joaquinense. Já em 1895, mais precisamente dia 30 de junho, deu-se a fundação da banda denominada "Sociedade Musical Mozart Joaquinense".

Tivemos a honra de possuir um belo e rico estandarte com 1,5m de largura por 2,5m de comprimento. Em um lado, bordada a ouro, estava a seguinte inscrição: "Sociedade Musical Mozart Joaquinense". No outro lado via-se as armas da República Brasileira ricamente bordadas em relevo. Via-se ainda o emblema musical e embaixo deste, duas mãos entrelaçadas e a data da fundação. As suas cores eram verde, vermelha e branca.

Este estandarte foi trazido da Itália por Egídio Marturano "in memorian" então Presidente da Sociedade e que tudo fazia

pelo progresso da nova Pátria, imigrante que era. No Rio de Janeiro, ao passar pela Alfândega, dobrou-a e colocou-a em seu braço para protegê-la. Dando assim, um exemplo audaz de sua missão.

Leonel Porto, nome reconhecido por todos, foi maestro da banda por longos anos. Infelizmente hoje, este que foi um competente intérprete da bela arte, é pouco cultuado em nossos meios. Deixou uma geração de músicos. Seu filho Nelson, insubstituível acordeonista e netos.

Atualmente quem preside a banda é o neto de Egídio Marturano "in memorian", o Sr. Domingos Marturano.

A banda sempre foi a alma dos joaquinenses. Quem não lembra, e com vivas saudades, dos nossos velhos músicos? Que nas suas paradas cívicas ou reli-

giosas faziam vibrar corações com suas belíssimas marchas?

É maestro hoje o Sr. Adolfo Mattos Neto, descendente de um dos fundadores de São Joaquim. Seu avô, o Sr. Adolfo Mattos, também foi músico.

Tivemos escolas de música mista com instrumentos de corda. O Sr. José Dutra "in memoriam" foi quem trouxe o jazz.

Temos hoje, com muito orgulho, uma Academia de Música dirigida pela professora Iara de Nunes que, juntamente com seu esposo e seu filho Osní estão desenvolvendo esta sublime arte.

Não podemos deixar de mencionar o nome da professora Hilda Mattos que, educada em colégio de Freiras, teve seu aprendizado de música. Sua presença foi marcante em muitos casamentos, batizados e réquiens. Acompanhavam-na no coro, os Srs. Aristides Batke e Leonel Porto. O primeiro no violino e o segundo no clarinete.

Estes fatos são páginas belíssimas da cultura joaquinesa que nos deixam saudades. Para que nossa tradição não se perca no tempo revivamos estas lembranças.

A Sociedade Mozart Joaquinesa está muito próxima do seu centenário. Esperamos que o Sr. Domingos Marturano, atual Presidente, faça renascer junto a todos os filhos de São Joaquim este tesouro de quase cem anos.

Onde está nossa bandeira? Seria esta a pergunta do homem que transportou de além-mar esta relíquia para o que na época

era apenas um sertão. Pois vamos resgatá-la. É tempo.

Outro fato que não pode ficar esquecido é o órgão que foi trazido no começo do século e entregue à Igreja Matriz, foi doação da família Mattos, vencendo todas as dificuldades de transporte.

Para confirmar a tradição desta família, foi entregue à Paróquia um moderno órgão pela viúva de Aires Mattos, a Sra. Rosa Vieira Rodrigues Mattos.

Duas grandes responsabilidades são da competência do nosso povo. A guarda do quase centenário órgão pela Paróquia e a conservação da banda por toda a comunidade joaquinesa. Só assim nossa história se preservará, pois, povo sem história é povo sem tradição!

Nota do Editor:

Maria Nercolini, autora deste que foi seu último e sempre belo e valioso trabalho de pesquisa histórica para esta revista, faleceu no dia 29 de junho último. Foi uma das mais assíduas colaboradoras de "Blumenau em Cadernos". Deixamos aqui o registro de nosso pesar e condolências à sua dileta família e a imorredoura lembrança de nossa amizade e estima à aplaudida historiadora que foi Maria Nercolini.

ENSINO PÚBLICO E PARTICULAR EM BLUMENAU

W. J. Wandall

9. FRANCISCANOS EM BLUMENAU

A fim de oferecer melhores condições para a Escola Evangélica, o «Deutscher Schulverein» atendendo às ponderações do Pastor Faulhaber, comunicou-se com o Dr. Blumenau, visando trocar o terreno destinado ao estabelecimento de ensino, por outro mais amplo e melhor situado. Então, o jornal «Blumenauer Zeitung», edição de 1º. de julho de 1891, comentando a resposta dada pelo fundador da cidade, dizia:

«Recebemos a comunicação que o Dr. Blumenau concorda com a troca do terreno para a construção da Escola — Neue Schule — porém impõe uma condição. A escola deverá para sempre, ser uma escola livre de qualquer elo religioso, do contrário, passará a pertencer à Câmara Municipal. O plano do atual Inspetor escolar, que queria fazer dela uma escola evangélica ruíu. A população será eternamente grata ao Dr. Blumenau. Para as aulas de religião evangélica, foi escolhida a própria igreja, a partir de agora».

Comenta, ainda, Frederico Kilian, ao analisar o «Blumenauer Zeitung», edição de 29 de julho de 1891, na qual, dito jornal publicou os trabalhos discutidos na assembléia geral da direção da 'Neue Deutsche Schule', quando ocorreu a transformação do «1º. ano primário para um 2º. ano mais elevado», estabeleceu-se que «as aulas de religião» fossem ministradas «fora do estabelecimento», resolveram proibir a participação de qualquer

religioso na direção da escola; diante de tal proibição, 'demitiram o Pastor Faulhaber da função de Inspetor Escolar», fixaram o 'ordenado mínimo de Rs. 50\$000 para a contratação de um professor de português», aumentaram as mensalidades de Rs. 2\$000 para o máximo de Rs. 4\$000 para os filhos de sócios cursando anos superiores e determinaram que as aulas gratuitas oferecidas a alunos iniciantes do primário, só seriam ministradas caso os pais assim o exigissem.

Kilian apresenta, também, um anúncio publicado no dia 26 de setembro de 1891 no «Blumenauer Zeitung», assim redigido: Brasiliannisch-Deutsche Schule zu Blumenau (Escola Teuto-Brasileira de Blumenau). A abertura desta escola será dia 1º. de outubro. As famílias que quiserem mandar seus filhos a esta escola ou associar-se à mesma, terão que procurar o Sr. Paul Hering». E mais adiante, cita outro anúncio publicado no mesmo jornal, em 5 de dezembro do mesmo ano dizendo: «Colégio Brasileiro-Alemão de Blumenau. Comunica que no próximo ano começará a funcionar, junto a este colégio um internato e semi-internato. Para maiores informações procurar J. Wagner».

Cabe mencionar aqui, não termos mais visto qualquer referência a respeito de tais educandários em qualquer publicação por nós pesquisada. Constatou-se, por outro lado, nas publicações dos jor-

nais editados em Blumenau, aparecer na divulgação dos relatórios das escolas do interior do Município, uma citação de que o material escolar utilizado pelos alunos de um grande número de escolas, fora fornecido pela «Sociedade Alemã de Escolarização de Santa Catarina».

No entanto, quase ao final desse ano de 1891, comenta o Padre José Maria Jacobs: «sinto-me com a saúde um pouco abalada; o médico receitou um repouso ao menos de dois meses, coisa impossível para mim». No entanto, seu estado de saúde agravou-se de tal forma ao iniciar-se 1892 que «resolveu, para recuperar sua saúde abalada, voltar para sua pátria, esforçando-se em interessar os franciscanos que neste meio tempo haviam chegado à Teresópolis», a continuarem sua obra.

Feitas as devidas consultas e autorizações, a 22 de maio de 1892 os franciscanos Zeno Wallbroehl e Lucínio Korte tomam posse da Paróquia de São Paulo Apóstolo de Blumenau, constituindo-se em Comunidade Franciscana, inclusive, com o Colégio São Paulo. A 1º. de agosto desse ano, falecia na Santa Casa de Misericórdia, no Rio de Janeiro, depois de grandes padecimentos o Padre José Maria Jacobs, de quem falou José Bonifácio da Cunha, seu maior algoz:

— Cometemos uma injustiça contra ele!

Desde os primórdios da Escola Nova Alemã, seus administradores procuraram usar os recursos financeiros da forma mais conveniente às necessidades do educandário. Então, com o aumento das matrículas e tornando-se pequenas as instalações utilizadas,

pensaram os dirigentes da Escola construir um novo prédio, usando os recursos acumulados e as doações recebidas. Assim, «no dia 27 de junho de 1892, numa cerimônia festiva, com a participação de numeroso público, foi lançada a pedra fundamental da nova escola no terreno doado pelo fundador da Colônia Dr. H. Blumenau», (defronte ao Grêmio Esportivo Olímpico).

Apesar da situação reinante, face aos problemas políticos criados pelo Tenente Manoel Joaquim Machado, apresentar-se bastante convulsionada «... A construção avançou rapidamente até fins de agosto...» Como não fosse possível promover uma inauguração condigna do novo prédio, «... A escola foi ocupada silenciosamente e as aulas começaram em 28 de agosto». O custo total da obra alcançou a cifra de Rs. 12:000\$000. O que vem a ser 12.000 Marcos, ao custo da época. A construção compunha-se de um prédio com três amplas salas, as quais, «permitiam, sem dificuldades, o funcionamento de seis classes» e mais «uma casa de moradia para o professor».

Entretanto, a questão política no Sul do Brasil agravou-se com a eclosão da Revolução Federalista de 1893. Sobre tal rebelião minha avó contou-me vários detalhes, designando aquela conflagração como a «Revolta dos Pica-Paus». Os professores da Escola Nova Alemã, ou estavam envolvidos com a política ou passaram a integrar-se à «Guarda Nacional», originando daí uma «constante mudança de professores» e prejudicando o desenvolvimento interno da mesma.

Passado o movimento sedicioso, elege-se Governador do Estado

o Dr. Hercílio Pedro da Luz (1894), um dos líderes políticos blumenauenses, tendo aberto uma subvenção para a Escola Nova Alemã da ordem de Rs. 4:800\$000 anuais, com a ressalva de ter a Escola «a obrigação de ensinar o idioma português e dar a uma certa percentagem de alunos, até 33% de aulas gratuitas». A direção da Escola não teve dificuldades em cumprir as exigências, pois, constava de seu currículo escolar aulas em português e dos estatutos, ministração de aulas gratuitas para carentes, «embora a porcentagem não fosse tão elevada».

Os alunos pagavam uma mensalidade correspondente à classe freqüentada, variando de Rs. 2\$000 a 5\$000, cuja arrecadação era insuficiente para as despesas da Escola. Porém, com a subvenção estadual de Rs. 4:800\$000 anuais, ou seja, Rs. 400\$000 mensais, pode-se não só equilibrar as finanças da Escola Nova Alemã, mas, contratar uma equipe de docentes melhor remunerada e mais estável, «de tal forma que um constante progresso da escola está garantido».

E as palavras do cronista excederam à previsão, pois, tal foi a evolução na qualidade do ensino ministrado pela «Neue Deutsche Schule», resultando equiparar-se «aos estabelecimentos congêneres na Alemanha, de sorte que os que completassem o curso da «Escola Nova», de Blumenau, estavam aptos a matricular-se nas Faculdades de ensino superior na Alemanha», segundo palavras de José Ferreira da Silva.

Com o correr do tempo, de acordo com registros históricos, alguns jovens blumenauenses usaram desse expediente. Conforme

palavras de Edith Kormann, em geral os filhos de pais com posses regulares, saíram da «Escola Nova» para estabelecimentos de grau superior na Alemanha.

Mas, os padres franciscanos Zeno Wallbroehl e Lucínio Korte, ao assumirem a Paróquia de São Paulo Apóstolo de Blumenau (1892), receberam também a responsabilidade de administrarem o Colégio São Paulo e as escolas criadas pelo Padre José Maria Jacobs, na região de colonização italiana.

Os trabalhos a ser desenvolvidos na grande Paróquia de São Paulo Apóstolo de Blumenau, em função de seu desenvolvimento, eram demasiados para os padres Zeno Wallbroehl, Lucínio Korte e outros três, um deles era Frei Solano Schmitt, que depois foi Vigário de Gaspar. Em vista de tal situação mais dois padres franciscanos vieram ajudar os aqui residentes. Eram eles Frei Bertholdo Bigge e Frei César Elpel, aqui chegados em 1893 e passaram a ocupar-se com o Colégio São Paulo, pois eram formados professores na Alemanha e já tinham lecionado alguns anos em sua terra de origem. Na época (1893) o educandário «contava com 40 crianças e os professores eram três padres e três civis».

Mas, a comunidade franciscana blumenauense precisava ser ampliada para cumprir os seus objetivos. Então, conforme relato do Irmão Claudius Tillesen, publicado no livro «Vida Franciscana», juntamente com o Padre Honoratus Strauch chegam a Blumenau em 22 de dezembro de 1893 os Irmãos Donatus, Servulus, Pachomius, Hyginus, Cherubin e Clau-

dius, que embora não sendo padres pertenciam à Ordem Franciscana e eram ocupados em tarefas de auxílio aos sacerdotes.

Os franciscanos, agora dispendo de padres para as atividades clericais e, também, de auxiliares não sacerdotes para as atividades complementares religiosas, dispu-

nam-se a empenhar-se numa prestação de apostolado digno aos católicos residentes no Vale do Itajaí. Conta o Irmão Claudius: «ao anoitecer chegamos finalmente na simpática cidade, floresta virgem de Blumenau. Logo avistamos o Colégio São Paulo que se localizava numa colina à margem da floresta».

AÇAGUAÇU

Antônio Roberto Nascimento

A propósito das observações do Sr. Hermes Justino Patrianova, publicadas em BLUMENAU EM CADERNOS, Tomo XXXIII, nº 2, de fevereiro de 1992, na p. 45 e seguinte, sob o título SAÍ-GUAÇU, seja-nos permitido, sem querer entrar em controvérsias estéreis, lembrar que o Pe. Manoel Aires de Casal, em sua famosa *Corografia Brasilica*, publicada em 1817, mas já redigida em 1816 (Cf. Caio Prado Jr., *Introdução*, apud Aires de Casal, in ob. cit., Tomo I, Imprensa Nacional, 1945, edição fac-simile da de 1817), ou em 1796, como querem outros (cf. W.F. Piazza, *Santa Catarina: sua História*, 1983, p. 213), grafou "rio saguaçu" (ob. cit., p. 190) e "rio sahy-mirim" (sic), bem como "sahy-grande" (ob. cit., p. 192), o que, a nosso ver, parece demonstrar inequivocamente a diferença entre os dois topônimos.

Norberto Bachmann (Toponímia Tupi-Guarani, no *Album Histórico do Centenário de Joinville*, 1951, p. 302), a par com a designação "EÇAGUACU", de "eça", olho, mais "guaçu", grande (vista do alto, a lagoa pareceria um "olho grande", explica o autor

citado), também aventa a hipótese de provir de "saiguaçu", a ave, tal como quer o Sr. Patrianova.

Qualquer um, porém, que ou-se decifrar o significado da toponomástica indígena — atrevimento a que não nos demos em momento algum! —, não pode deixar de consultar o estudo de Frederico G. Edelweiss (*Estudos Tupis e Tupis-Guaranis*, Rio de Janeiro 1969, pp. 272 e ss.). Os adjetivos "usú" e "gusú" (sic), diz o autor, têm um emprego diferente no tupi, "onde os substantivos oxítonos exigem GUASU e os paroxítonos USU". Tal regra, contudo, não vale para o guarani, "onde, pela apócope diacrônica, que é uma das suas características, aparece oxítona a maioria dos vocábulos paroxítonos tupis."

Vê-se, pois, que o tema comporta estudo mais percuciente, de nada valendo conclusões precipitadas. Nossa intenção, no artigo citado pelo Sr. Patrianova, foi grafar tal étimo o mais próximo possível da vocalização indígena, o mais próximo possível de suas origens, deixando sua elucidação a cargo dos mais doutos.

O Prof. Pirajá da Silva, em notas a Gabriel Soares de Sousa (Notícia do Brasil, 2º. Tomo, Biblioteca Histórica Brasileira, n. XVI, S. Paulo, s.d.), traduz CAÍ por "olho pequeno" (ob. cit. p. 111), ÇAUJÁ por "rato do mato", A por "cabeça", IÇÁ por "formiga" (ob. cit., pp. 148, 100 e 173), e EÇÁ por "olho" (ob. cit., p. 219, o que demonstra a importância de cada um dos elementos vocabulares de per si, com vistas à compreensão do linguajar indígena.

Não se deixe no obívio, outrossim, a advertência de Francisco Adolfo de Varnhagen (História Geral do Brasil, Vol. 1, Tomo I e II, 10a. ed., Belo Horizonte, 1981, p. 381), "in verbis":

"Para nomear os rios, que só deles agora nos cabe falar, os ín-

dios, como os mais povos na infância da civilização, empregaram além das designações que lhes indicavam os sentidos, outros predicados puramente subjetivos, isto é, deduzidos das relações que com eles índios tinham os objetos nomeados. Aos primeiros pertencem, segundo o aspecto mais ou menos turvo das águas, os nossos inúmeros rios UNA, PITANGA, TINGA, etc.; isto é, Negro, Vermelho, Branco, etc. Nos segundos contamos os que eram redondamente chamados Bons ou Maus, ao que parece, segundo haviam sido, ou a gente que os habitava, favoráveis ou contrários a quem os designava".

A prevalecer esse dúplice critério, nem "olho grande" nem "ave grande" seriam traduções abalizadas do vocábulo indígena AÇA-GUAÇU.

ACONTECEU...

SETEMBRO DE 1993

— DIA 1º. — A imprensa (JSC) noticia que o controle acionário da Artex S/A, uma das mais tradicionais indústrias de Blumenau mudou de comando, por ter sido adquirida pelo Grupo Garantia, de São Paulo, detentor do comando das Lojas Americanas, da Cervejaria Brahma e do Banco Garantia. *** Num tempo recorde de 30 minutos, a Câmara de Vereadores de Blumenau aprovou aumento de 40% nos salários dos vereadores. *** No Quartel da Polícia Militar de Blumenau, foi inaugurado o Centro Vivencial de Trânsito para Escolares. O ato registrou-se às 15:30 horas. A primeira experiência foi vivida pelos alunos do Colégio Estadual Adolfo Konder.

— DIA 2 — De acordo com informes no jornal (JSC), até essa data as demissões ocorridas no município de Blumenau já haviam atingido 115 servidores que exerciam cargos de confiança dispensáveis de acordo com conclusões do Ministério Público. *** O Prefeito Renato Vianna informou ter sido assinada no dia anterior, em Brasília, a ordem de serviço para a construção do segundo Centro de Atendimento Integral à Criança (CAIC) da cidade a ser implantado na rua Pérola do Vale, bairro de Itoupava Central. *** Com um programa bem elaborado, Blumenau comemorou a passagem de seus 143 anos de fundação, programação esta elaborada pela Secretaria Municipal de Turismo.

— DIA 3 — Em Laurentino, no Alto Vale, começou neste dia a 3ª. Festa Estadual do Queijo, para prosseguir até o dia 7. *** Em Jaraguá do Sul foi realizada solenidade de abertura da 5ª. Festa do Tiro — Schützenfest — para ter execução de oito a dezesseis de outubro. *** Em Navegantes foi aberta a 5ª. Exponave, que teve início com um rodeio crioulo e gineteada, na praça conhecida como "boizódromo".

*** Passou a funcionar em Blumenau a Vara Federal, cuja instalação (02/09), foi presidida pelo Dr. Gilson Dipp, presidente do Tribunal Regional Federal da 4ª. Região e que contou com a presença do Prefeito Renato Vianna.

— DIA 4 — Foi aberto em Blumenau, tendo por local os Stands do Clube Blumenauense de Caça e Tiro, o Grande Prêmio Santa Catarina de Tiro e o 28º. Sul Brasileiro de Tiro ao Alvo, com a participação dos melhores atiradores do país e patrocinado pela Confederação Brasileira de Tiro ao Alvo. *** O ribeirão Garcia amaneceu mostrando grande quantidade de peixes mortos, flutuando sobre suas águas. A Fundação do Meio Ambiente multou a Artex, responsável pelo desastre ecológico. *** A população da zona norte da cidade, comemorou a entrega do reservatório de água do SAMAE em funcionamento, pondo fim às dificuldades em que a mesma vinha enfrentando utimamente.

— DIA 5 — Com a vitória obtida contra o Sombrio, o Blumenau Esporte Clube, que disputou este ano na Segunda Divisão de Profissionais, conseguiu retornar à Primeira Divisão. *** Com um novo repertório, a Orquestra de Câmara de Blumenau apresentou-se nesta noite com um concerto reunindo obras de Haendel, Mignoni, Mozart e Janacek. A regência foi do maestro Cláudio Ribeiro. *** O Mausoléu Dr. Blumenau, no qual foi instalada a tradicional exposição de orquídeas, foi muito visitado pelo público em geral, apreciador desta beleza criada pela natureza e aperfeiçoada pelos colecionadores de orquídeas. *** A imprensa (JSC) noticia que até às 18 horas as polícias rodoviárias estadual e federal haviam registrado sete mortes nas estradas, durante o feriadão. Entre os acidentados, uma menina de um ano de idade, atropelada por um caminhão. *** Um policial acabou frustrando uma tentativa de fuga do Presídio Regional de Blumenau, às 17:40, ao descobrir que os presos estavam terminando a escavação de um túnel de 7 metros de extensão e que faltava apenas meio metro para atingirem o outro lado do muro. (JSC).

— DIA 10 — A imprensa (JSC) destaca os 30 anos de fundação da Banda Municipal de Blumenau que foi muito aplaudida até há poucos anos e que agora está condenada ao esquecimento por falta de apoio financeiro e estímulo em geral. *** No saguão da FURB foi aberta a exposição de cinco artistas plásticos de Tubarão: Anita Brazil, Carlos Humberto Dalsasso, Carla Mainieri, Kelma Pacheco de Souza e Olegario Mainieri.

— DIA 11 — No SESI foi realizado o I Congresso de Reconstrução da União Blumenauense de Estudantes — UBE.

— DIA 13 — Aos 94 anos, faleceu de uma parada cardíaca, o presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregesilo de Athayde.

— DIA 15 — Na Sociedade Recreativa Ipiranga, em comemoração aos seus 100 anos de fundação, foi aberta a exposição denominada Plurimagem, reunindo num só local, literatura, danças e artes plásticas. A Plurimagem mostrou trabalhos de Lindolf Bell, Guido Heuer, Christiane Pakuczewsky e Sandra Alvares Maoura Ferro.

— DIA 16 — Cumprindo uma programação espetacular, com admiráveis evoluções dos participantes, foi realizada a cerimônia de abertura dos Jogos da Primavera de Blumenau, no SESI, à Rodovia Jorge Lacerda. O evento aconteceu no período da tarde. *** O Supremo Tribunal Federal decidiu (dia 15) suspender a cobrança do Imposto Sobre Movimentação Financeira. *** Na Unser Wein Administração Patronal, a artista plástica Rose Darius inaugurou, com um coquetel, às 20:30 horas a exposição "Pincel Poético", com quarenta trabalhos figurativos em óleo sobre tela, aquarela e giz-pastel, todos recentes e inéditos. *** Já em Florianópolis, a Fundação Catarinense de Cultura e a Associação Victor Meirelles inauguraram, às 20:30 horas, no Museu de Arte de Santa Catarina, o Salão Victor Meirelles, com artistas plásticos pro-

fissionais de Santa Catarina. Foram selecionados 112 das mais de 500 obras inscritas. Do grupo expositor, fizeram parte, além de outros, os blumenauenses Rubens Oestrom e Tadeu Bittencourt.

— DIA 17 — Começaram em Rodeio as festividades de "La Sagra", na Villa Italiana, para cumprir um bellissimo programa de dez dias de manifestações culturais e tradicionais de costumes italianos. Na ocasião também foram abertas: a 5ª. Expofeira, amostra comercial e industrial da região e a 4ª. Coletiva de Arte do Vale do Itajaí. *** No Teatro Carlos Gomes foi inaugurada, às 20 horas, a 5ª. Mostra de Pintura em Porcelana, promovida pelo Clube dos Artistas de Porcelana de Blumenau e Rio do Sul — CLUARPP. Mais de cem artistas de Sta. Catarina, S. Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Montevidéu mostraram, ao todo, 200 trabalhos, com absoluto sucesso.

— DIA 18 — A firma blumenauense Altenburg Indústria Têxtil, venceu o Prêmio Vale do Itajaí de Incentivo à Qualidade e Produtividade, classificando-se para a etapa estadual a realizar-se dia 1º. de outubro. *** Blumenau amanheceu com importantes alterações ocorridas no trânsito central, que passaram a ser cumpridas a partir das 13 horas. Muitas recomendações foram feitas aos motoristas, visando, com isso, tornar o trânsito mais fácil e menos perigoso para todos. As medidas foram bem recebidas pela população.

— DIA 19 — Segundo estatísticas publicadas na imprensa pela Cia. de Cigarros Souza Cruz, o Estado de Santa Catarina já plantou, neste ano de 1993, pelos incentivos daquela empresa, 20 (vinte) milhões de mudas de árvores de espécies variadas, através dos programas "Reflorestamento", "Reflorestar" e "Clube da Árvore". *** A Seleção Brasileira de Futebol não tomou conhecimento das insinuações referentes ao desastre de 1950 e venceu a Seleção do Uruguai, no Maracanã, por 2x0, classificando-se para ir à Copa do Mundo nos EE.UU. *** Foi aberto o II Encontro de Manipuladores e Consumidores de Blumenau, no anfiteatro do SENAI.

— DIA 21 — No Teatro Carlos Gomes, foi apresentada a peça "Uma Relação Tão Delicada", interpretada por Irene Ravache, Regina Braga e Roberto Arduin.

— DIA 22 — Na reabertura do Projeto Pixinguinha, em Blumenau, o Teatro Carlos Gomes apresentou a cantora Beth Carvalho ao lado do violonista Sombrinha, que apresentaram agradável e entusiástico espetáculo, com muitos aplausos. *** O Comitê Contra a Fome em Blumenau, distribuiu neste dia, 120 cestas básicas, à famílias carentes residentes no Morro da Pedreira, bairro Ponta Aguda. *** Como homenagem ao Dia da Árvore e a entrada da Primavera, a Prefeitura de Blumenau distribuiu, durante todo o dia, na Praça Victor Konder, sob a sombra da grande figueira, numerosas mudas de árvores frutíferas e ornamentais. *** Fortes chuvas desabaram sobre a cidade e subúrbios, causando apreensão à população, pois o temporal causou desmoronamentos nos bairros Toca da Onça e Morro do Abacaxi.

— DIA 23 — No Hotel Himmelblau, foi instalado o 3º. Congresso Nacional da Federação Nacional dos Médicos. Para a abertura do evento, foi convidado o Ministro da Saúde, Henrique Santillo. *** O aplaudido surfista blumenauense Flávio Padaratz ganhou sua bateria de estréia na Sétima Etapa do Campeonato de Surfe (WXT), na Praia de Kishakiuma, Japão (22/09) e conseguiu passar para o terceiro "round" da competição.

— DIA 24 — A população amanheceu apreensiva com a subida das águas do Itajaí-açu que, por volta das últimas horas desta madrugada, atingia quase oito metros de altura acima do leito normal, em consequência das fortes chuvas caídas em toda a região do médio e alto Vale do Itajaí. *** Às 20 horas, aconteceu a solenidade de inauguração do Comercial Floriano Center, localizado à rua Floriano Peixoto, e que conta com 18 lojas e uma praça de alimentação com 5 boxes, distribuídos em uma área de 4 mil metros quadrados.

— DIA 25 — Ao encerramento do Congresso Nacional da Federação Nacional dos Médicos, ocorrida no Hotel Himmelblau, nesta cidade, os 200 médicos participantes divulgaram a Carta de Blumenau, com a posição geral da categoria sobre assuntos abordados.

— DIA 28 — Numa concorrida solenidade realizada em Gaspar, O Governador Vilson Pedro Kleinubing inaugurou uma das mais importantes obras realizadas em seu governo: a nova rodovia "Jorge Lacerda", ligando Itajaí a Blumenau. Uma obra prima de engenharia que há de orgulhar os catarinenses. Na solenidade, o dinâmico governador catarinense foi muito aplaudido e cumprimentado pelos populares presentes. Na admirável obra, foram investidos 10 milhões de dólares, um investimento que valeu mesmo, sem restrições. *** No informe do dia, soube-se que a Fábrica de Chocolates Saturno passou a ter seu controle acionário pela empresa Locarauto Locação de Veículos, com sede administrativa em São Paulo. A Saturno possui 70 anos de atividades. *** O poeta surrealista Vilson do Nascimento fez palestra, às 14 horas, para alunos da Universidade da Terceira Idade da FURB. *** As 21 horas, no Teatro Carlos Gomes, estreou a peça "Amor de Quatro", estrelada por Isis de Oliveira com a participação de Nelson Freitas, João Signorelli e Roney Oliveira. *** No Viena Park Hotel, foi aberta a exposição "Documentary Dilemmas — Fotografia Documental da Grã-Bretanha desde 1980", organizada pela British Council e contou com 87 obras.

— DIA 29 — Com um riquíssimo programa cultural e artístico, foi inaugurado, ante a presença de centenas de convidados, o Shopping Center Neumark de Blumenau, localizado à rua 7 de Setembro. *** A atração desta noite, no Teatro Carlos Gomes, dentro do Projeto Pixinguinha, foi a apresentação, às 18:30 horas, da dupla Danilo e Simone Cayme, com um dos mais belos repertórios da música popular brasileira. *** Às 20:30 horas, através do canal internacional por assinatura da emissora alemã Deutsche Welle, foi apresentado um documentário de 30 minutos sobre Blumenau e região, denominado "Deutsche Spuren im Ausland-Die Brasilianischen (Os Saxões Brasileiros — Rastros Alemães no Exterior). *** No Centro Esportivo "Bernardo Werner" (SESI) promoveu-se o 1º. Festival Regional de Danças, com a participação de crianças da rede estadual e municipal, além de particular de ensino, com crianças de 7 aos 15 anos. *** Três bandas alemãs chegaram a Blumenau para a abertura da 10ª. Oktoberfest: a Götz Buan, a Die Oderwälder e a Musikverein Kirrlach, as quais deram um show na cidade às últimas horas da tarde.

— DIA 30 — Com alvorada festiva programada para alguns recantos da cidade, foi dada a largada para a 10ª. Oktoberfest em Blumenau. Sem a realização do grande desfile programado para às 18 horas devido o mau tempo reinante, o Prefeito Renato Vianna, com a presença do Governador Vilson Kleinubing e outras autoridades, sangrou o primeiro barril de chopp, na PROEB, dando por abertas as festividades da 10ª. Oktoberfest, a segunda maior festa da cerveja no mundo. *** Na Galeria Municipal de Arte da Fundação "Casa Dr. Blumenau, foi aberta mais uma exposição — a 8ª. — A Foto Chopp, mostra organizada pelo Foto Clube de Santa Catarina.

Educação no começo do século

A PRIMEIRA CONVENÇÃO DE PROFESSORES ALEMÃES NO LA PLATA

Prof. Richard Hoffmann

Realizou-se nos dias 16 e 18 de setembro de 1906, em Buenos Aires, a primeira convenção de professores alemães no Rio de La Plata. Entre senhoras e cavalheiros, estiveram presentes 45 participantes vindos de todas as partes da Ar-

gentina. O reitor Dr. Ruge fez um discurso sobre as escolas alemãs na Argentina. De acordo com seus levantamentos estatísticos, existem na Argentina 58 escolas alemãs, com 147 alunos; e no Uruguai, 2 escolas alemãs com 256 crianças. Na Argentina, 4 das escolas alemãs, ficam em Buenos Ayres e possuem 1.140 alunos; na Província Santa Fé, existem 23 escolas com 1.056 alunos; em Entre Rios, 17 escolas com 669 crianças; em Córdoba há 5 escolas, com 204 alunos e na Província Buenos Ayres, 4 escolas com 95 alunos. Nas outras Províncias não há escolas alemãs. Nestas 64 escolas alemãs lecionam 164 professores, destes 108 são professores e 56 professoras.

Ao discurso do Reitor Ruge sobre o sistema escolar na Argentina seguiram-se propostas, das quais foram aceitas as seguintes:

1) É vantagem às sociedades escolares contratarem por intermédio da embaixada, professores da Alemanha.

2) É preferível que estes professores não sejam ocupados por tempo integral, para que tenham a oportunidade de aprender o idioma pátrio e possam conhecer as condições do país, para depois de um ano estarem capacitados a ministrarem aulas em idioma espanhol.

3) É desejo que o professorado alemão do país, se complete com os locais e com aqueles que tiveram sua iniciação na Alemanha.

No dia 18 de setembro após a abertura da reunião, foi lido primeiro o telegrama-resposta do embaixador imperial alemão, senhor Ministro von Waldhausen, cujo teor era o seguinte:

"Aos participantes desta convenção de professores agradeço as palavras gen-

tis, desejo a todos sucesso no seu trabalho em 'benefício do caráter alemão'".

A palavra foi usada depois pelo senhor sub-diretor Meier (Escola Alemã Buenos Ayres) que discursou sobre: "A necessidade de adquirir material escolar para nossas escolas no estrangeiro".

Exigiu o palestrante principalmente um livro de leitura baseado nas condições do país, bem como quadros para o estudo visual. Acha muito importante uma obra de tabelas onde são mostrados os principais mamíferos, pássaros, anfíbios peixes e insetos da Argentina.

Numa segunda palestra, o reitor Gabert (Rosario) falou sobre o tema: "Organização no sistema escolar na Argentina. Em seguida foi decidida a fundação de um jornal especializado".

Decidiu-se que a segunda Convenção dos Professores será realizada no próximo ano em Rosário.

Numa retrospectiva a convenção nos mostra que o professorado alemão na Argentina, apesar de alguns contratempos e divergências em seus princípios fundamentais, é unido.

— Isto em verdade é o principal. É de lamentar, que no sul do Brasil, onde se conta talvez 8 vezes mais escolas alemãs do que na Argentina, ainda não se chegou a este ponto.

Aqui ou ali existe uma sociedade de professores que apenas vegeta e isto é tudo. Está em tempo do professorado do sul do Brasil se organizar para um objetivo comum, para poder cumprir as suas obrigações que os esperam.

FONTE: "Mitteilungen des Deutschen Schultevereins für Santa Catarina".

DATA: Blumenau, outubro de 1906 (Ano I — nº. 8)

ANTONIO HECKERT

A história do mundo sempre foi escrita por grandes homens: abnegados e desbravadores; homens que lutaram por causas justas, ou tombaram na batalha do bem.

Contudo, também há homens que escrevem a história, vivendo na humildade, no cotidiano cheio de sacrifícios e percalços.

E éste, é um caso!

Antonio Heckert, nasceu pobre no dia 19.08.1909, no município de Brusque, filho de imigrantes: o pai, Phillip (nono Felipe) nasceu na Alemanha, e a mãe Angelina, nasceu na Itália. O casal se conheceu na viagem da Europa ao Brasil, e aqui os dois se casaram, instalando-se como pequenos agricultores.

Antonio trocou a roça pela fábrica, e, durante quase toda sua vida, ali permaneceu.

Casou-se com D. Emilia Reis (D. Amélia) e, o casal teve 7 filhos.

Quando os filhos já estavam adultos, a maioria casados, Antonio foi morar em Blumenau, e lá trabalhou como jardineiro. Muitas "mansões" de Blumenau, tiveram seus jardins cuidados por ele: no Bom Retiro, Ponta Aguda, Alameda, Amazonas, centro, etc., e hoje, ao vermos estes jardins, sentimos em cada canteiro, a alma florida do bom velhinho.

Antonio era pobre, mas rico em bondade e amor. Nunca era visto triste: sempre bem humorado, fazia sorrir a todos em seu redor.

E repartia! Nada era seu!

E, o fato a seguir, jamais será apagado de minha memória:

Antonio e D. Amélia nos visitaram, numa época em que vivíamos, minha esposa, nossos sete filhos e eu, em extrema miséria, à custa da ajuda de outros e de muito trabalho.

Vendo os dois velhinhos subirem as escadarias do morro de nossa casa um apoiando-se no outro, cortou-nos o coração:

Antonio estava canceroso, e Amélia tinha graves problemas nas pernas, causados por cirurgias mal sucedidas!

A estadia deles, era a festa das crianças lá em casa, e, embora pouco, trouxeram presentinhos para todos.

Ao saírem, Antonio soube que eu não tinha sapatos, mas ele também não havia trazido um par para mim.

Resoluto, descalçou os próprios pés, e me entregou seus sapatos, descendo a escadaria de pés no chão!

A emoção foi forte demais!

Jamais pude imaginar que alguém pudesse doar até o último bem que possuía.

Hoje, tenho a impressão de que vejo o Bom Velhinho caminhando ao lado de Jesus, e parece-me sentir o arrastar suave no tapete do céu, dos passos descalços daquele Velhinho de Alma de criança!

Cláudio Heckert

(Lot. Jardim Progresso, 72 — 89027--400 — Blumenau - SC.).

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89015-010 BLUMENAU

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação.

CONSELHO DELIBERATIVO :

Marlo Germer; Maria Beatriz Niemeyer; Friederich Wilhelm Heinrich Idecker; Ellen Jone Weege Vollmer; Altair Carlos Pimpão; João Carlos von Hohendorff; Edgar Paulo Mueller; Gladys Suely Dorigatti Werner; Ruth Winkler Paul; Marcos Henrique Buechler; Ernesto Deschamps.

DIRETORIA :

Presidente : Elke Hering
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves

HERING

T Ê X T I L

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.
Para todo mundo. Em todos os tempos.